

QUANDO OS MIGRANTES CHEGARAM: LEITURAS SOBRE CONFLITOS SOCIOCULTURAIS EM FLORIANÓPOLIS (1970 – 1990).

Rafael Damaceno Dias¹.

Resumo: Durante as décadas de 1970 e 1980 a cidade de Florianópolis vivenciou uma série de transformações urbanas e demográficas que alteraram profundamente os perfis identitários ali existentes. Dentre elas se destaca aquelas relacionadas com a presença de turistas e de contingente migratório o que ocasionou a emergência de um conjunto de conflitos socioculturais com a população residente na cidade. Isto fez com que uma parcela de moradores sentisse a necessidade de tentar interpretar quais seriam os efeitos das transformações em curso. Esse texto pretende articular algumas interpretações sobre essa tentativa a partir das colunas jornalísticas escritas por um colunista de Florianópolis e publicadas no mais importante jornal de Santa Catarina no período.

Palavras-chave: transformações urbanas, conflitos socioculturais, identidades.

Abstract: During the decades of 1970 and 1980 the city of Florianópolis experienced a series of urban and demographic transformations that have profoundly altered the identity profiles there. Among them are those related to highlighting the presence of tourists and immigration quota which led to the emergence of a set of social conflicts with residents in the city and has made this feel the need to interpret what the effects of such changes. This text aims to articulate some interpretations of this attempt from the newspaper columns written by a columnist from Florianópolis and published the most important newspaper in Santa Catarina between the decades of 1970 and 1990.

Keywords: urban changes, social conflicts, identities.

Um conjunto de transformações urbanas e demográficas acontecidas em quase todo o mundo durante as últimas décadas do século XX associa-se aos intensos fluxos culturais advindos da presença em grande escala de migrantes em ambientes urbanos (GUPTA; FERGUSON, 2000: 36). Tal fato resultou não apenas em apropriações e negociações, mas também em rejeições por parte dos atores sociais envolvidos. Essa complexidade combina-se com a intensificação das conseqüências da modernidade e, particularmente, com a globalização, alterando a forma com que os indivíduos e os grupos sociais delinham suas identidades (HALL, 2003: 50).

1 Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Email: rafaelcielo@yahoo.com.br. Esse artigo foi elaborado a partir das considerações realizadas durante minha pesquisa de mestrado que se encontram em: *Que invasão é essa? Leituras sobre conflitos socioculturais em Florianópolis (1970 - 2000)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2009.

Nesse período, as cidades de médio e grande porte brasileiras constituíram um exemplo de ambientes em que aconteceram movimentos desse tipo, já que esses núcleos urbanos se transformaram numa espécie de encruzilhada na qual diferentes referências provenientes do fluxo de migrantes se encontraram com aquelas compartilhadas pelas populações há tempo estabelecidas nas cidades de destino.

No caso especificamente das cidades médias, esses encontros e desencontros ganham relevo quando se leva em conta o tipo de migrante que para elas afluíu, composto, em grande parte, por contingente oriundo de grandes metrópoles que possuíam elevado nível de qualificação. Ou seja, ao contrário da presença de mão de obra pouco especializada, as características desses migrantes os colocaram em posição de grande visibilidade nas cidades de destino (ANDRADE; SANTOS; SERRA, 2001: 173-175). Especialmente quando se destaca suas grandes chances de obtenção de êxito na disputa por vagas no mercado de trabalho local, e de seus questionamentos quanto a legitimidade de algumas referências simbólicas que faziam parte do cotidiano dos moradores das cidades que receberam tais migrantes.

Dessas disputas e desses questionamentos sobrevieram diversos conflitos o que se expressa, por exemplo, no surgimento de situações em que a temática identitária esteve presente nas décadas de 1980 e 1990. No que se refere a região sul do país, pode-se destacar as discussões no estado do Paraná em torno da suposta perda de suas referências diante da presença de migrantes o que se expressava inclusive em músicas do período: “eu não sou gato de Ipanema, sou bicho do Paraná”. No estado do Rio Grande do Sul, isso pode ser observado por meio do vertiginoso crescimento do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) que se expressava na criação de vários Centros de Tradição Gaúcha (CTGs) .

Tais conflitos também foram observados em Santa Catarina. No que se refere especificamente com sua capital, Florianópolis, eles adquiriram a feição de uma disputa em que aqueles que se consideravam ilhéus (nascidos na Ilha, em oposição aqueles nascidos na parte continental da cidade) levantaram fronteiras simbólicas e sociais contra os considerados forasteiros.

Essas fronteiras puderam ser percebidas no modo como os colunistas dos principais jornais que circulavam na cidade se reportavam aos conflitos. Dentre eles pode-se destacar aqueles que entendiam os conflitos enquanto uma espécie de presságio de um tempo em que as referências culturais que supostamente delineariam o perfil de seus moradores não mais existiriam. Assim, a presença de forasteiros foi vista enquanto um perigo para a “pacata” Florianópolis dos anos 1970.

Esse artigo tece algumas considerações sobre as manifestações contidas na imprensa que circulava na cidade com especial ênfase na análise das colunas jornalísticas de Beto Stodieck, principal colunista de Florianópolis entre as décadas de 1970 e 1990. A divisão dos migrantes em torno de tipos distintos, classificados a partir das impressões desse colunista, permitem elaborar algumas considerações interessantes sobre questões identitárias na cidade.

Tensões socioculturais na cidade.

No ano de 1979, o mais conhecido jornalista de Florianópolis assim se exprimia em relação ao intenso fluxo de pessoas que se destinavam à cidade: “São quatro os tipos de pessoas por cá pintam: ou os que vêm em turísticos ônibus à jato ou aqueles que se chegam apenas com o intuito de passar uns dias ou quem sabe pra ficar ou dos tais transferidos e furiosos da vida porque tem de morar aqui (O ESTADO, 1979: 14)”.

Conforme pode-se verificar, existe nesse trecho, publicado no mais importante jornal de circulação de Santa Catarina, a afirmação de que existiriam diferentes *tipos de pessoas* que chegavam a Florianópolis. Ao afirmar isso, o colunista sugere uma classificação baseada em quatro grupos de forasteiros distintos. Entretanto, a partir da análise de alguns acontecimentos vivenciados na cidade durante as décadas de 1970 e 1980 pode-se vislumbrar que uma classificação diferente dessa proposta pelo colunista também seria possível.

Durante esse período, a administração municipal e estadual realizou um conjunto de ações articuladas com um projeto, que remonta a primeira metade do século XX, que pretendia transformar Florianópolis numa capital turística. Vislumbrava-se com isso a possibilidade de superar o latente atraso econômico da cidade em relação a outras cidades catarinenses as quais possuíam parques industriais de grande porte como, por exemplo, as cidades de Blumenau e Joinville (LOHN, 2002: 103).

A implantação desse projeto foi experimentada de forma bastante desigual pela população da cidade. Para muitos dos seus moradores, trouxe a possibilidade de um emprego diferente daquele proporcionado pela pesca e pela lavoura, que eram exercitados nos balneários e no interior da parte insular do município. A partir da abertura de hotéis, pousadas, lanchonetes, farmácias e supermercados, novos postos de trabalho surgiram com o intuito de prestar atendimento aqueles que chegavam à Florianópolis (FACCIO, 1997: 158).

Além disso, para que o turismo se tornasse efetivamente uma realidade, foi necessário que a estrutura viária da cidade fosse ampliada. Isso foi realizado a partir da revitalização de antigas estradas por onde transitavam carros-de-boi, assim como a partir da abertura de novos acessos que possibilitaram a ligação das praias ao núcleo urbano central de Florianópolis. Tais ações trouxeram uma maior facilidade de deslocamento para populações que residiam nas áreas mais afastadas já que, com essas estradas, novas linhas de ônibus foram criadas o que diminuiu sobremaneira o percurso das pessoas que antes dependiam, por exemplo, de barcos de pesca para se deslocarem ao centro do município (ASSIS, 2000: 105).

Entretanto, tal aumento da capacidade viária não foi eficiente na recepção da grande quantidade de turistas que passaram a chegar, especialmente a partir do asfaltamento da BR 101 durante a década de 1970. O trânsito complicava-se com o número elevado de veículos o que adquiria contornos bastante problemáticos particularmente no período de férias de verão. Na imprensa, por

exemplo, os argentinos tornaram-se o alvo constante quando se buscava culpados pelo caos instaurado, conforme destacava Stodieck: “Da série argentinos em la isla de magia, hoy ablarei sobre a mágica que a gente tem de fazer no trânsito, quando se encontra um argentino pela frente, por trás, a bordo de su coche, do seu carro – ou a 20 ou a 120 por hora (O ESTADO, 1989: 12)”.

Além das confusões no trânsito também aconteceram conflitos em que outras questões ganharam relevo. Alguns habitantes do interior da Ilha, mas também de sua porção central, acostumados com um padrão de referências que norteava seus modos de viver no cotidiano citadino, não se conformavam em ver turistas beijando-se na frente de todos ou então caminhando em trajes de banho pelas ruas (FANTIN, 2000: 45-47). No que se refere a um agudo desabastecimento dos supermercados, lembrado com pesar pelos moradores das praias freqüentadas por turistas, os argentinos novamente eram motivo de insatisfação. Tal grupo era acusado pelo desaparecimento de determinados produtos, conforme é sugerido pelo colunista:

Na fila do balcão de aves do supermercado Angeloni, exagerado argentino lotava carrinho com partes de frango às ordens, porém no final. Enquanto a fila agoniava-se achando que nada mais sobraria, tal a volúpia portenha... Dá-lhe “pollo”.

E de fato, o gringo não deixou sobrar aos brasileiros – o suficiente pra’um, o primeiro após, enfiar maleducada mão no carrinho argentino, retirando compulsórios pedaços de frangos, soltando irritado:

Essas partes são minhas – e por que é que vocês comem tanto, hem?

Saindo furioso com peitos e coxas dos filhos da galinha debaixo do braço, diante d’um argentino atônito que não teve reação...

Aplausos ecoaram (O ESTADO, 1989: 11).

Farra do Boi

Um dos conflitos mais contundentes acontecidos no final do século XX em Florianópolis devido à repercussão alcançada e, a partir do qual, Santa Catarina, se viu exposta nacional e internacionalmente, foi aquele relacionado com a prática da farra do boi. Essa prática realizada durante a semana que antecede a Páscoa possui uma gênese de difícil localização, mas que de acordo com seus praticantes se inicia com a chegada dos açorianos no litoral de Santa Catarina (LACERDA, 1994: 45). De qualquer forma, esse evento integra o lazer de diversas localidades catarinenses.

Entretanto, nota-se que, no caso específico de Florianópolis, foi com o aumento demográfico do município e especialmente a partir do grande fluxo de turistas que para à cidade se dirigiram, que tal prática passou a ser alvo de incisivos questionamentos. Isso não significa que inexistisse críticas a ela antes desse movimento; elas existiam, todavia estavam relacionadas basicamente com as queixas dos proprietários dos automóveis danificados pelos bois. Ou então, se referiam à indignação dos transeuntes que mesmo não participando da Farra do

Boi, poderiam sofrer escoriações no meio da correria que a soltura do animal desencadeava (FLORES, 1997: 38).

O que modificou com a presença de turistas na cidade foi o alvo das críticas em relação à Farra. Elas passaram a focar os aspectos relacionados com a própria prática que passou a ser vista naquele momento como sinônimo de crueldade. Ou seja, os turistas que se dirigiam para veranejar na Ilha de Santa Catarina se deparavam com uma prática muito diferente daquelas que eles poderiam imaginar na propaganda Florianópolis paradisíaca (FALCÃO, 2005: 4).

Esse contraste de visões sobre a Farra do Boi, como seria de esperar, ocasionou o surgimento de muitos conflitos. Eles ganharam especial visibilidade em debates acalorados (inclusive no meio universitário) entre os que defendiam a prática enquanto uma tradição açoriana que deveria ser preservada e aqueles que reivindicavam seu fim.

Segundo tipo de conflitos

Para além de conflitos ocasionados (em grande medida) pela presença de turistas na cidade, como as disputas em torno da Farra do Boi, ou então os tumultos provocados pelo excesso de veículos ou pelo aumento súbito da demanda de produtos durante os meses de veraneio, existiu também outro tipo de conflito. Foi aquele relacionado com uma população que, ao contrário dos turistas, não era transitória. Integravam-na as pessoas que chegavam na cidade para fixar residência.

Estes novos moradores, ao se estabelecerem na cidade, ocasionavam a emergência de outros tipos de tensões sociais referentes, por exemplo, com disputas no mercado de trabalho e com o questionamento de referências que norteavam as sociabilidades dos moradores mais antigos (FRANZONI, 1993: 45). Com esse tipo de tensões sociais se articulava a observação de Beto Stodieck em relação aos dois últimos grupos classificados em sua coluna do jornal: *aqueles que chegavam para ficar* e *os transferidos*. O primeiro segmento referia-se, segundo o colunista, aos que chegavam à Florianópolis por escolha própria:

Já os que vêm pra ficar, antes de curtir a terra já devidamente curtida noutras investidas, mais que depressa vão à caça de emprego pra garantir ao menos os próximos seis meses, normalmente se encostando na casa de um amigo já vindo e intrometido. “Depois de transar um emprego descolo uma baía”. (O de fora, vocês sabem, normalmente arranja emprego uma semana depois – é um espanto: só porque é de fora e a lábria é mais salivada do que a nossa, sobre os irrecuperáveis tansos...) (O ESTADO, 1979: 14).

Esse tipo de migrante seria aquele que já tendo conhecido à cidade em algum período de férias, resolvia adquirir uma casa ou um terreno. A coluna foi publicada no ano de 1979, um momento em que o preço dos terrenos ainda não havia sofrido o surto especulativo que acompanhou o desenvolvimento do turismo

na Ilha de Santa Catarina durante as décadas subseqüentes.

Por fim, Stodieck destaca algumas características do segmento de migrantes pertencentes ao grupo que chegava devido sua transferência a partir da criação de matrizes de grandes empresas públicas ou privadas na cidade. Ou ainda, indivíduos transferidos que chegavam à capital para trabalhar em cargos comissionados de partidos políticos em repartições públicas:

Já os transferidos detestam a cidade logo de início. Não querem ir a nada nem de saber coisa alguma, morrem de tédio nas noites sem fim, vivem se lamentando que aqui não tem vida noturna, não tem isso, não tem aquilo, sequer assaltos a mão armada, tão emocionante. O passeio que mais fazem é ao aeroporto... Pois são esses os sintomas mais graves. Nos três primeiros meses desmaiam de dor a todo instante, reclamam horrores (...). Até que vão passar as festas finais junto aos seus nas cidades de origem. Pois não agüentam uma hora além Natal... O que é que há? "Ah, é essa falta de mar", se desculpa diante dos amigos. "E aquela paz que não se encontra em lugar algum". E vem correndo pra continuar curtindo esta tina ardeada de mel por todos os lados – menos dois que nos prendem ao continente e que mais fazem entrar do que sair... (O ESTADO, 1979: 14).

Um dos grupos dos transferidos mais focados pelo colunista referia-se aqueles provenientes da empresa pública Eletrosul quando esta instalou-se na cidade a partir de 1975. De acordo com Marcon a maior parte dos funcionários desta empresa foi contratada depois de sua instalação na cidade, entre o período de 1976 a 1985 (perfazendo cerca de 53,80% dos funcionários do quadro). Mas, como as três primeiras levas de funcionários eram provenientes do Rio de Janeiro, evocar Eletrosul em Florianópolis passou a significar, nas décadas de 1970 e 1980, migração de cariocas.

As querelas relacionadas com os *eletrosuis*, termo utilizado naquele momento para designar na cidade os funcionários da empresa, podem ser percebidas em duas direções. Primeiramente, em relação ao impacto econômico advindo de seu poder aquisitivo, o que foi bastante compensatório para quem trabalhava no setor de serviços e oferecia seus préstimos aos funcionários da empresa (MARCON, 2000: 143).

Por outro lado, tal ganho era visto como motivo de insatisfação por diversas famílias da cidade, já que teriam de conviver com o sempre incômodo fato de saber que nas residências dos eletrosuis se pagava mais pelo mesmo serviço. Quanto a isso, o colunista destacava no que se referia ao salário das trabalhadoras domésticas:

Segundo tradicionais patroas ilhóas, as eletrosuis (que são as mulheres dos eletrosuis) estão inflacionando o mercado doméstico, pagando ordenado de Rio às nossas locomotivas de fogão. Se antes elas ganhavam Cr\$ 300,00 mensais, hoje recebem Cr\$ 700,00 (...) (O ESTADO, 1976: 22).

Outro descompasso que se verificava diz respeito às comparações que eram efetuadas entre a vida noturna na cidade do Rio de Janeiro com a de Florianópolis. De acordo com Costa, a Ilha possuía uma vida noturna que era motivo de satisfação para seus freqüentadores, no entanto isso dependia da quantidade de amigos conhecidos e também do fato de se saber transitar conforme os códigos socioculturais que norteavam as sociabilidades dos bares da cidade (COSTA, 2004: 58). Ou seja, era um tipo de boemia diferente daquela que existia no Rio de Janeiro e, como Beto Stodieck sabia disso, escrevia nas suas colunas sociais o desconforto que a comparação entre a vida noturna das duas cidades causava:

Com essa estorieta toda aí em relação aos discutidos “de fora” que pra cá vieram a fim de ficar, desafiar e desempenhar em detrimento ao local, o próprio se esqueceu, até, dos eletrosuis “em semelhantes condições”, insinuam os ilhéus. Aí é que se enganam: os eletrosuis já vieram com os seus empregos garantidos – ou melhor, trouxeram o seu serviço – o que, convenhamos, é uma diferença absolutamente distinta.

O problema com relação aos tais eletros, se é que ainda há problema diante das ameaças “dos outros” é aquela empáfia de alguns, aquele pretenso ar de superioridade diante das coisas e pessoas locais, a tal da injustiçada comparação que tentam fazer entre as transas cariocas e as nossas, coitadas (O ESTADO, 1978: 22).

Como é possível perceber, existia por parte desse colunista uma tentativa de compreender um processo que estava ocorrendo em Florianópolis nessa passagem de uma cidade de pouca expressão para uma outra, conhecida pela sua suposta vocação turística. Essa tentativa se traduziu nos termos de uma classificação que dividia os forasteiros da cidade em quatro grupos (turistas de verão, turistas que permaneciam poucos dias, os transferidos e os migrantes em geral). Entretanto, essa classificação poderia também ser feita em outros termos, expressos apenas em dois grandes grupos - os que iam embora e os que ficavam. Essa outra classificação possível sugere que as observações realizadas pelo colunista referem-se a um momento de transição na cidade de Florianópolis no qual atores sociais que não possuíam vínculos estáveis, passaram para uma condição na qual relações sociais mais consistentes se estabeleceram. Num plano mais amplo, apenas periodizando a emergência de um campo em que se desenvolveram amplas relações de alteridade, pode-se vislumbrar esse período, a partir de Elias e Scotson, como a passagem de uma figuração na qual grupos sociais independentes num momento, tornam-se interdependentes em outro (ELIAS; SCOTSON, 2000: 7-17) conforme se sugere a seguir.

Disputas

No decorrer das décadas de 1970 e 1980 é possível destacar algumas características sobre o aprofundamento dos vínculos sociais na cidade. Elas podem ser agrupadas em conjuntos que se referem a três formas diferentes de perceber a presença de forasteiros em Florianópolis durante esse período. O primeiro conjunto pode ser identificado por meio de trechos de colunas jornalísticas como este publicado no ano de 1974:

Mas eu não tenho nada contra gaúchos. Até que muito pelo contrário. Afinal, não é o gaúcho o centauro dos pampas? E como gosto de mitologia, vai daí que... Agora, gaúcho ou quem quer que seja, tem de estar no seu devido lugar. A não ser que esteja em Nova Iorque que é uma cidade cosmopolita e ninguém é de ninguém, muito menos de lugar algum. Mas Flops é uma cidadezinha de nada, é nossa, somos bairristas o suficiente pra impedir que os outros (gaúchos ou não) venham bater com os costados numa de nossas quarenta e três praias. Aliás, são por causa dessas (mal) ditas quarenta e três praias que vem todo mundo prá cá. Tirar a nossa paz, de saudosa memória. (...) (O ESTADO, 1974: 14).

Durante a década de 1970 a cidade de Florianópolis possuía uma feição bastante diferente daquela do final do século XX. Um dos elementos que podem servir de exemplo para indicar isso é o fato de que, em 1974, ano em que a coluna social acima foi publicada, existia apenas uma ponte na cidade, a Hercílio Luz, construída durante a década de 1920.

Contudo, o excerto destacado acima é bastante rico pelas diversas referências realizadas pelo colonista. Sem seguir a ordem com que surgem, pode-se destacar primeiramente a leitura na qual os forasteiros que chegavam à cidade no ano de 1974 são associados com a subtração da paz dos ilhéus. Essa paz de *saudosa memória* que supostamente caracterizaria o cotidiano de Florianópolis foi contrastada com o ritmo de cidades como Nova Iorque.

Esse contraste remete ao primeiro conjunto de características que se deseja destacar. Ele refere-se à menção, realizada no excerto, ao fato de que seria um ilhéu aquele que teria nascido na porção insular de Florianópolis. Isso se salienta num outro trecho da mesma coluna publicada no jornal:

Florianópolis, Flo, Flor, Floripa, Florisa, ou, simplesmente, Flops, que é como nós do litoral, rápidos e rasteiros, falamos. O que é que vocês preferem? Tem gente que não quer uma coisa nem outra: vai de Ilha de Santa Catarina mesmo que, afinal, não é só dela, mas nossa, somente nossa, dos ilhéus. Atravessou a ponte e não é mais Ilha não (é claro, senão não haveria razão de ponte e pontes). Sou radical e digo: a Ilha não é dos outros – afinal, o Streitcho existe pra quê? É claro que é permitido vir, trabalhar, até se divertir (afinal, muitos são os ilhéus que vão se divertir no continente) mas dizer que a ilha é deles também, é pura pretensão. Não é deles, nem de ninguém (só nossa, repito) e muito menos dos gaúchos que vieram pra ficar (O ESTADO, 1974: 14).

Nesse trecho, a condição para ser um ilhéu associa-se a um manifesto bairrismo, conforme foi ressaltado anteriormente: “Mas Flops é uma cidadezinha de nada, é nossa, somos bairristas o suficiente pra impedir que os outros (gaúchos ou não) venham bater com os costados numa de nossas quarenta e três praias”. Percebe-se ainda que existe uma impaciência com relação aos forasteiros. Sejam gaúchos, ou de outra procedência, existe uma determinação que versa sobre àqueles que chegavam à cidade, segundo a qual, eles deveriam ter consciência de que ela tinha dono e de que eles eram forasteiros. A continuação do excerto sugere ainda a existência de ilhéus que não seriam bairristas e por esse motivo poderiam ser acusados de permitir que a Ilha fosse invadida:

Ainda agora estou sabendo que argentinos compraram (ou estão querendo comprar) toda a Ponta das Canas – Puenta de lãs Cañas lá pra eles. São os portenhos, invadindo o interior da Ilha. Aliás, a nossa ilha sempre foi dada a invasões, não é de hoje. Desde os tempos dos piratas que vinham, invadiam, matavam, defloravam, roubavam e deixavam a pobre da vila de Nossa Senhora do Desterro entregue ao Deus dará.

Não é a toa que a localidade onde hoje está localizada a nossa cidade, já foi chamada de Lagoa dos Patos... (O ESTADO, 1974: 14).

Ressalta-se nesse trecho o acionamento de um conhecimento histórico em que é realizada uma conexão entre os habitantes da Ilha desde o período da fundação de Desterro com aqueles do século XX. Nesse acionamento, a presença de estrangeiros em Desterro está associada a perigos como, por exemplo, os acontecimentos relacionados com a morte de Dias Velho (fundador de Desterro), assassinado por corsários. Forasteiros são sinônimos, segundo esta ótica, de transtornos na Ilha desde o século XVI.

Existe ainda, na coluna jornalística destacada acima, a sugestão de que a invasão à Florianópolis somente era permitida porque alguns de seus habitantes seriam facilmente enganáveis, o que recebeu destaque na lembrança dada a antiga designação carijó do território referente a Ilha de Santa Catarina: Lagoa dos Patos. Tal observação ganha maior ênfase em outra coluna publicada no jornal:

De vendedores de títulos nobres aos “sochalaites” aventureiros, por aqui já apareceu de tudo um tanto - muitos engambelando meia cidade de que é chegadinha à xenofilia; isto é, têm imensa simpatias por pessoas ou coisas estrangeiras...

Pintando por aqui de forma amiúde e sorradeira, pois o prato desta ex-Ilha dos Patos – sempre! – é farto e fácil!... (JORNAL DE SANTA CATARINA, 1987: 20).

A partir desse trecho é possível destacar também outro conjunto de características que remetem a outra forma de lidar com forasteiros na cidade de forma contrária as tentativas de impedimento do diálogo entre ilhéus e forasteiros. Isso pode ser notado a partir da observação de que uma das características dos florianopolitanos seria a *imensa simpatia por pessoas ou coisas estrangeiras*. Tal observação ganha maior concretude nesse excerto publicado em 1979:

Ser ilhéu necessariamente não precisa ter nascido na ilha, mas sim estar inserido no espírito do seu dia-a-dia, conhecer as pessoas que fazem o folclore local e, por que não?, ser uma dessas pessoas; aí é ilhéu com toda as pompas e circunstâncias (O ESTADO, 1979: 22).

Nesse trecho está colocada a possibilidade de negociação da posição dos forasteiros na cidade, tendo em vista que a questão de ser ou não reconhecido como alguém da cidade não está associado com questões geográficas, mas sim com o compartilhamento de códigos sociais e culturais. Ser ilhéu é algo que remeteria a um *estado de espírito*:

Assim como ser carioca é um estado de espírito – ou mesmo novaiorquino ou parisiense – pra ter condições ilhóas, o cara haverá de possuir uma cabecinha bem arejada, desprovida de maiores preocupações, não se espantar com o que viu ou fez, e não ter maiores preconceitos; é falar e se esquecer que falou, é não comer e dizer que comeu, é sempre deixar pra manhã o que pode fazer hoje, é dever e se esquecer que deve, enfim, ser ilhéu é uma arte, é sentir dono sem possuir bulhufas, é ser íntimo e, no entanto não gostar de receber (O ESTADO, 1979: 22).

A margem de negociação se expressa, nesse fragmento, por meio da possibilidade de alteração da condição de forasteiro por meio de seu compartilhamento do folclore local. Com relação a isso, assim se manifestava o colunista manifesta:

E pra que sua formação ilhóa seja realmente de primeira, o nativo tem que saber quem foi o Barca Quatro, o Curvina e o Adolfo; é ter mexido com o Marrequinha e ter recebido sombrinhada de “Marta Rocha”, é ter curtido a Lídia do Tenóno que o povo chamava de Traça. É ter apanhado de bolsa da mais gorda das Brigites quando da sessão das 3 e 45 do São José; é ter tomado sorvete na Cocota (que virou Didi) é saber quem é o senador Alcides Ferreira (e sacar que além de não ser senador coisíssima nenhuma, também não nasceu na ilha, mas em Joinville). O bom ilhéu não deixou por menos e aprendeu a dançar check - to – check com o Celso Pamplona (que não nasceu na Laguna como muitos supõem, mas sim em Blumenau que ele não quer nem ouvir falar). E é tirar dedinhos de prosa com a Ciloca Luz, a do Cartório, é saber quem é a Iara Pedrosa (que os gaúchos em geral nunca ouviram falar) (O ESTADO, 1979: 22).

Na primeira frase dessa coluna jornalística existe a indicação de que a procedência não asseguraria ao *nativo*, termo utilizado, por exemplo, por surfistas para referir-se aqueles que rotineiramente freqüentam uma determinada praia, o reconhecimento da condição ilhoa completa. Esta somente estaria assegurada caso existisse por parte do candidato ao título o conhecimento de determinados símbolos, como aqueles listados pelo colunista.

Desse modo, pode-se vislumbrar uma transformação a partir de finais da década de 1970 e inícios dos anos oitenta em Florianópolis no que se refere as relações de alteridade estabelecidas no contato entre migrantes e antigos moradores. Como indício disto, nota-se que a discussão em torno de quem seria

um autêntico ilhéu adquiriu outras dimensões. Ressalta-se também, que ao mesmo tempo em que alguns florianopolitanos são impossibilitados de serem plenamente cotejados com a *condição ilhõa*, alguns indivíduos não nascidos na cidade poderiam à ela ser associados como, por exemplo, foi o caso de Alcides Ferreira. Stodieck declarava em sua coluna no jornal que esse senhor era uma referência fundamental para a cidade, apesar de não ter nascido em Florianópolis, mas em Joinville.

Pode-se vislumbrar a partir dessas colunas jornalísticas que havia em 1974 determinadas prescrições que pretendiam delimitar o contato com os forasteiros que surgiam na cidade. Em 1979 elas foram substituídas pela abertura de um campo de negociação que possibilitava aqueles que nela chegassem serem recebidos de outra forma.

Essas duas maneiras de lidar com forasteiros na cidade de Florianópolis se contrastam com uma terceira que pode ser identificada nos escritos de Stodieck na década de 1980:

É claro que o atual boom florianopolitano é superior ao do início da década de 70, quando a essência da Ilha começou a notar que não mais estava sozinha, desconhecendo, com certa dose de preocupação, quem passava e a gente não conseguia identificar, muito menos cumprimentar... (dava uma agonia...)

Os prédios se avolumavam furiosamente em direção ao céus, essas coisas que tanto descaracterizaram a cidadezinha a beira-mar tranqüila.

Hoje FLN sofre novo e estonteante impulso, até parece que estamos a parte da realidade nacional... E, engraçado, acontecendo com aqueles que chegaram na década passada o que então fomos "vítimas": desconhecendo igualmente os que acabaram de chegar – não se cansam de chegar atraídos pela excelência da cidade – deixando-os nervosos por isso; se sentindo com alguma razão, donos de casa, também...

Em suma, criaram raízes os eletrosuis, por exemplo... (O ESTADO, 1988: 16).

No ano de 1988 a cidade de Florianópolis se apresentava de forma muito diferente daquela da década anterior. Ela via consolidado o turismo enquanto principal fonte de riqueza, sua estrutura viária havia se tornado mais diversificada e grande parte de sua população passaria a residir nos balneários.

O trecho acima destacado pode ser analisado como indício da existência na década de 1980 de um olhar retrospectivo. Ele vislumbrava a existência de uma semelhança entre aquilo que foi vivenciado pelos ilhéus na década de 1970 com aquilo que os forasteiros chegados naquela década estariam sentindo em relação a quem chegava na cidade no final dos anos oitenta. Isso se expressava particularmente nas seguintes frases: *criaram raízes os eletrosuis* ou então que eles estavam na década de 1980 se sentindo *donos de casa*.

Desse modo, esse olhar retrospectivo estava voltado ao mesmo tempo para o passado e também para o presente. Ele pode ser visto como o indício de que ilhéus e forasteiros (apesar de resistências e de impedimentos) compartilharam códigos sociais e culturais ao ponto de que, em relação aos novos moradores que chegavam à cidade na década de 1980, os dois grupos

conseguiram vislumbrar um grande contraste com os novos recém chegados. Isso se expressava, por exemplo, em manifestações como esta:

É com imenso prazer que a gente vem notando, de uns tempos pra cá, que Florianópolis, enfim não é mais aquela cidade provinciana que penou “atrasada” no rolar de séculos; até há coisa de uns dez anos.

E o que foi que colaborou pra esta súbita abertura? (Aliás nem tão súbita assim; foi batalhada, exigiu esforços e sacrifícios de toda raça que se viu perseguida por uns tempos – mas que hoje age livremente por conta dos adeptos inumeráveis).

Antes de mais nada, foi fundamental o desempenho de uns e outros, pelo início da década de 70, que, influenciados pelo movimentos universais que marcaram os anos 60, insistiram e exigiram novos hábitos; e depois, a vinda pra cá – pra morar – de pessoas provenientes de centros maiores, atraídas pela fama de “cidade ideal pra se viver”. (E aí, foram fundamentais as participações da Universidade e da Eletrosul, há que se reconhecer) (JORNAL DE SANTA CATARINA, 1985: 20).

Como última consideração cabe destacar que as impressões desse colunista poderiam ser complementadas pelas de diversos outros atores sociais que vivenciaram as transformações urbanas e demográficas que ocasionaram a emergência da cidade carinhosamente chamada de Floripa. Essas impressões além de mostrarem como a trajetória de uma cidade percorre caminhos contraditórios onde se percebe a tensão presente nos diversos momentos de sua constituição, elas apresentam, nesse caso, os conflitos identitários decorrentes de processos históricos que atravessaram a capital de Santa Catarina nas últimas décadas do século XX. Ao lidar com essas impressões, a atividade do historiador contribui para mostrar as tensões socioculturais decorrentes de transformações urbanas e demográficas.

Fontes:

JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 24 mai. 1985. p.20.

JORNAL DE SANTA CATARINA. Blumenau, 27 ago. 1987. p.20.

O ESTADO. Florianópolis, 06 dez. 1974. p.14.

O ESTADO. Florianópolis, 14 abr. 1976. p.22.

O ESTADO. Florianópolis, 15 set. 1978. p.22.

O ESTADO. Florianópolis, 04 jan. 1979. p.14.

O ESTADO. Florianópolis, 30 mai. 1979. p.22.

O ESTADO. Florianópolis, 25 jul. 1988. p.16.

O ESTADO. Florianópolis, 12 jan. 1989. p.12.

O ESTADO. Florianópolis, 15 jan. 1989. p.11.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Thompson Almeida; SANTOS, Ângela Moulin Simões Penalva; SERRA, Rodrigo Valente. *Fluxos migratórios nas cidades médias e regiões metropolitanas brasileiras: a experiência do período 1980/96*. In: ANDRADE, Thompson Almeida & SERRA, Rodrigo Valente (org.). **Cidades médias brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.

ASSIS, Leonora Portela de. ***Planos, Ações e Experiências na transformação da “pacata” Florianópolis em capital turística***. 2000. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2000.

COSTA, Gláucia Dias da. ***Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis***. (Décadas de 50, 60 e 70 do século XX). 2004. 1 v. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, Florianópolis, 2004.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. ***Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade***. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FACCIO, Maria da Graça Agostinho. ***O Estado e a transformação do espaço urbano: a expansão do estado nas décadas de 60 e 70 e os impactos no espaço urbano de Florianópolis***. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 1997.

FALCÃO, Luiz Felipe. ***Quando os “nativos” e os “haoles” se encontram***. In: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História. Londrina: ANPUH e Universidade Estadual de Londrina, 2005. p 1-8.

FANTIN, Márcia. ***Cidade dividida: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis***. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. ***A farra do boi: palavras, sentidos ficções***. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

FRANZONI, Tereza Mara. ***As “perigosas” relações entre movimento popular/comunitário e administração pública municipal na Ilha de Santa Catarina***. Florianópolis, 1993. 1 v. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - UFSC, Florianópolis, 1993.

GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. *Mais além da “Cultura”*: Espaço, Identidade e Política da Diferença. p. 30-49. In: ARANTES, Antonio A. (org). ***O Espaço Da Diferença***. Campinas: Papirus, 2000.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

LACERDA, Eugenio Pascele. *As farras do boi no litoral de Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em antropologia) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 1994.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. *Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana – Florianópolis 1950 a 1970*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2002.

MARCON, Maria Teresinha de Resenes. *A Metropolização de Florianópolis: o papel do Estado*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2000.

Artigo recebido em 15/06/2009

Artigo aceito em 14/08/2009